

Produções poéticas multimídia: as experiências da ciberpoesia e do blogcast Versos Controversos¹

Clareana Oliveira RODRIGUES²

Abílio Cavalcante DANTAS³

Andréa MOTA⁴

Suzana Cunha LOPES⁵

Raphael Santos FREIRE⁶

Suanny Lopes COSTA⁷

Kalynka CRUZ⁸

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Diante dos novos contornos da contemporaneidade, o homem e suas práticas culturais se reconfiguram cotidianamente. Os acessos às novas concepções e às inúmeras possibilidades tecnológicas fazem parte deste cenário. E estes foram os ingredientes utilizados para que experimentássemos até onde se pode ir com a combinação de linguagens, suportes e criatividade. Resultado: criação de uma ciberpoesia em rede e um blogcast, produto que reúne a linguagem dos blogs com as possibilidades de um podcast. Ambos assentados no conceito-chave de multimídia. Este artigo se propõe a refletir sobre estas experiências e seus produtos.

PALAVRAS-CHAVE: multimídia; linguagem poética; hibridização; blogcast; ciberpoesia.

INTRODUÇÃO

Seria certo dizer ‘que o cotidiano que nos espere’ ou será que é o contrário? Esta contemporaneidade que nos ambienta trouxe consigo dois alicerces entrecruzados: num está o homem com suas ações sobre o mundo, noutra está o mundo que carrega e é carregado por uma cotidianidade imensurável. Cada ação humana produz múltiplas

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT 5 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: clareanarodrigues@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: abilio_dantas@hotmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: andrea.mota.di@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: suzanaclopes@yahoo.com.br.

⁶ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: rsfjofreire@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: suannylopes@gmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, email: kalynka@ufpa.br.

variações no espaço-tempo. Verdades refutadas, criação de teclas de atalho e até a “mistura” de linguagens intervêm e, ao mesmo tempo, são reflexos de um cenário.

Neste artigo, o palco foi o ciberespaço. Neste espaço, pretendemos narrar sobre duas experiências/intervenções multimídia, elaboradas na disciplina “Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias” ministrada, no 2º semestre de 2009, pela professora MSc. Kalyinka Cruz. Uma, se ateu a experimentar as possibilidades da ciberpoesia, uma construção de textos poéticos em rede por “várias mãos”. Noutra, aproximamos a linguagem característica dos blogs às possibilidades proporcionadas pela ferramenta do podcast. As duas produções multimídia exploraram a temática da poesia em seu conteúdo.

Antes de mostrarmos nossas experiências poéticas no ciberespaço, é necessário que passemos pela trajetória conceitual que nos levou a denominar nossas práticas de produções poéticas multimídia, centrando no que entendemos por poesia e por multimídia.

PRODUÇÃO POÉTICA E MULTIMÍDIA

Para entender o significado da palavra poesia é necessário abrir a mente para coisas incompreensíveis, significantes insignificáveis do ponto de vista da linguagem usual, cotidiana. Talvez por isso o texto poético, quando recorre à metalinguagem, contenha as melhores explicações. O poeta Manuel de Barros (1980) diz em um verso: “poesia é um inútil”, ou seja, que ela não serve para nada. No primeiro momento isso pode parecer uma ofensa. No entanto, constitui sua principal característica.

Além de inútil, pode-se afirmar que a poesia refere-se sempre a elementos invisíveis aos olhos presos à realidade, pragmáticos, dependentes de resultados. Por isso, segundo a enciclopédia Barsa, a poesia é uma perversão da linguagem. O poeta Mário Quintana (1994) faz a mesma provocação no poema a seguir. “Para quê nomes?/Era azul e voava...”. Existem significados que não podem se mostrar a partir do uso tradicional que fazemos das palavras todos os dias. Por isso existe a poesia.

De acordo com o autor francês, Jean Cohen (1976), a palavra poesia pode ser entendida de duas maneiras predominantes. Uma refere-se à sua utilização na época clássica, quando possuía uma função única: designar “um gênero de literatura, o poema, caracterizado pelo uso do verso”. Por outro lado, com o passar dos anos, e o surgimento da corrente estética conhecida como Romantismo, o sentido da palavra espalhou-se para outras formas de percepção.

“...podemos analisar, em linhas gerais, do seguinte modo: em primeiro lugar, o termo, por transposição, passou da causa ao efeito, do objeto ao sujeito. Deste modo, *poesia* designou a impressão estética especial produzida normalmente pelo poema. Por essa altura, tornou-se corrente falar de sentimento ou de emoção poética. Depois, alargando-se, o termo foi aplicado a qualquer objeto extraliterário susceptível de provocar esse tipo de sentimento, primeiro nas outras artes (poesia da música, da pintura, etc.), depois às próprias coisas da natureza”. (COHEN, 1976, p.15).

Recorrer à linguagem poética é a melhor forma de discorrer sobre poesia, pois os elementos que compõem o texto poético, cria da sensibilidade humana, não podem ser separados de seus aspectos formais, da maneira como estão materializados na sociedade. Eduardo Galeano (2002) nos diz que arte existe para que o homem possa enxergar o mundo, e tudo que há nele, em sua plenitude, não apenas a partir de categorias frias e predeterminadas por modos de vida estabelecidos.

A contemporaneidade se configura como um momento de hibridismo, em que linguagens, credos e, principalmente, comportamentos se misturam. O viajante sem rumo atravessa rios, mares e oceanos e, por onde passa, leva consigo um punhado de rostos e histórias. Quando atraca em algum cais narra, entre sofreguidão e sobressaltos, algo sobre mundos que não lhe pertencem. Este errante, apesar de encerrado em linhas literárias, reflete o perfil dos indivíduos na era do ciberespaço. Sujeito sem rosto que trafega, sem dimensão definida, pelos múltiplos caminhos de um não-lugar⁹, previamente redefinido pelos avanços tecnológicos da informação e da comunicação. É nesta nova dinâmica social que o ciberespaço se assenta. Seus “viajantes” apresentam características cada vez mais desterritorializadas, na qual cultivam relações à distância,

⁹ Conceito elaborado pelo antropólogo Marc Augé (1994), que corresponde aos espaços simbólicos ou não que apresentam a inexistência das inter-relações. Nestes não-lugares, os indivíduos não possuem experiência narrativa e mantêm apenas relação com as instituições.

com panoramas de sociabilidade mais ágeis e temporalmente escassos. Este laço frouxo entre os indivíduos reflete, nas ações humanas, as ferramentas de informação.

Santaella (2007), apresenta ainda o conceito de linguagens líquidas como fenômeno social da era contemporânea.

Texto, imagem e som já não são mais o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força da gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. (SANTAELLA, 2007, p. 24)

Como Santaella analisa, as linguagens passam a ser diversificadas e fluidas também devido aos suportes. Estes também se diversificam, interagem entre si e se integram, formando os chamados conteúdos multimídia. Nesse sentido, multimídia é a reunião de vários formatos em um único produto ou processo.

O termo “multimídia” surge pela primeira vez na década de 50 para designar os produtos que apresentam diferentes meios de comunicação, seja na função de complementaridade, de agregadora ou com a finalidade de promover a interação, com exemplo os CD-ROMs. Com a evolução tecnológica, os computadores e os *softwares* educativos começaram a participar do cotidiano e integraram os elementos multimídias aos seus suportes de informação. Posteriormente, os documentos multimídias se consolidaram enquanto suporte de interatividade.

O termo surge em expressões como sessão ou apresentação multimídia, significando apresentação ou sessão em que se tira partido de mais de um formato, não implicando numa fase inicial a utilização do computador. Assim, esta primeira fase caracteriza-se pela utilização de dois ou mais formatos, em diferentes suportes não informáticos. (CARVALHO, 2002, 246-247).

A multimídia, ao apresentar característica multilinear, interativa e agregadora, se configura como produto e produtora dos novos cenários de sociabilidade, e mais ainda, como “expressão discursiva no ciberespaço”¹⁰. A multimídia nesse ambiente expandiu suas possibilidades interativas. À disposição de novos suportes e com a difusão de um

¹⁰ RIBAS, Beatriz. **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**, 2004. Artigo apresentado no V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

ambiente informacional colaborativo, observa-se a multiplicidade de combinações que surgem no cenário da cibercultura. Além de concepções sendo estabelecidas em novos cenários, a cena cibernética da atualidade hibridiza suportes, meios e mensagens outrora cristalizados.

As expressões estéticas, nesse contexto, também lançam mão do híbrido para se manifestarem. Recursos comunicacionais como vídeo, áudio, imagem, texto, animações, *emoticons*, entre outras linguagens não somente são utilizados poeticamente, como co-existem e convergem na produção poética. A poesia, portanto, sendo sentimento e, ao mesmo tempo, expressão estética, está duplamente presente nas duas experiências que apresentaremos nos próximos capítulos.

Contudo, é necessário identificar a outra característica essencial de nossas produções: o caráter multimídia que conferimos a elas, mesclando a linguagem poética às infinitas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias e o ciberespaço. A partir do exposto, chegamos ao nosso conceito de produção poética multimídia: expressões estéticas próprias do tempo contemporâneo que convergem a(s) linguagem(ens) poética(s) e os diversos recursos tecnológicos.

EXPERIÊNCIA POÉTICA MULTIMÍDIA: A CIBERPOESIA

Durante a disciplina “Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias”, a equipe decidiu realizar experiências de multimídia, onde pudéssemos integrar diferentes formatos, como: imagens, textos, vídeos, áudio, entre outros. Partimos então para a escolha do assunto e devido à inclinação de alguns membros por temáticas relacionadas à arte e literatura, chegamos à ciberpoesia e fomos aos poucos nos enredando por ela. A grande quantidade de interrogações que surgiram motivaram discussões longas entre todos e nos fizeram conhecer um pouco mais sobre as particularidades deste espaço próprio da contemporaneidade, o ciberespaço.

As formas de expressão em tempos de cibercultura dão abertura a outros caminhos para a poesia. Para Santaella,



“Os meios de nosso tempo estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo no artista e literato horizontes inéditos para a exploração de territórios inatos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade” (SANTAELLA, 2007, p.330).

Dessa forma, a ciberpoesia é considerada uma “nova expressão poética do nosso tempo e integra o território da ‘ciberarte’, termo que assim como a net arte e web arte ou arte das redes, se refere a toda a arte que tem sua base na cibercultura” (SANTAELLA, 2007, p. 332).

A ciberpoesia, portanto, nada mais é do que uma nova expressão poética do nosso tempo. Uma única voz ativa é relativizada. Tal como a figura do receptor. Assim, sendo também uma filha da internet e do ciberespaço, ambos meio e espaço híbridos, a ciberpoesia possui uma construção híbrida, tanto na linguagem (multimidiática) quanto no modo de acesso (amplamente disponível). Áudio, texto escrito e a estrutura de jogos virtuais fundem-se, e confundem-se, a fim de atingir o plano da poesia neste novo momento.

Já que este é um novo momento, o que muda nesta forma de expressão? As características e como elas estão presentes nas ciberpoesias são: interatividade, hipertextualidade, a/multilinearidade, recursos estéticos multimidiáticos e colaboratividade.

Construção do híbrido infinitamente colaborativo

Uma das nossas experiências multimídia foi a construção colaborativa em rede de uma ciberpoesia. A ideia era que essa ciberpoesia fosse construída a partir do alcance da rede, inclusive esse alcance suscitou a seguinte reflexão: se configuraria uma poesia colaborativa se utilizássemos um caderno com um grupo de pessoas, em que cada uma pudesse escrever uma frase ou palavra que, ao suposto final do processo, o que foi escrito compusesse um sentido? A essa questão respondemos a nós mesmos que sim, porém a participação colaborativa estaria restrita somente ao grupo e dessa maneira não seria construída uma ciberpoesia de acordo com as características descritas acima. No ciberespaço, a construção de uma poesia alcançaria um maior número de

colaboradores/autores que não estariam necessariamente ao mesmo tempo no mesmo espaço geográfico, mas sim, no mesmo espaço ciber.

Como não possuíamos tempo suficiente para criarmos um *blog* ou *site* na internet e posteriormente movimentá-lo, decidimos então sair em busca de *sites*, *blogs*, fóruns, entre outros, onde pudéssemos construir nossa ciberpoesia de forma colaborativamente em rede, para isso nos utilizamos da ferramenta de busca universal *Google Search* e nela tentamos fazer a busca por palavras-chave como ciberpoesia, poesia colaborativa, colaboratividade e poesia, entre outras, nos idiomas português, inglês e espanhol. Para nossa surpresa, encontramos unicamente um *blog* que tratasse do assunto, o [Wikesia - Wiki de Poesias](http://wikesia.blogspot.com/)¹¹.

A proposta do *blog Wikesia* era:

“O que você acha de construir uma poesia a quatro, cinco, seis, 'n' mãos? Essa é a proposta deste blog. A idéia é criarmos poesias de forma colaborativa, onde cada leitor poderá sugerir a próxima palavra, verso, estrofe, frase, etc. É claro que poesias são profundas expressões sentimentais do autor, portanto individuais. Mas a proposta é exatamente quebrar essa individualidade”. (Trecho retirado da descrição do *blog Wikesia*. Disponível em: <http://wikesia.blogspot.com/>).

Ao visitarmos o *blog Wikesia*, percebemos que nele existia somente uma única postagem¹² do dia 1 de agosto de 2007, ou seja, apesar de haver o início da ciberpoesia, o *blog Wikesia* estava desatualizado. Mesmo assim, decidimos nos utilizar do blog para a construção da nossa ciberpoesia, uma vez que este possuía o caráter e a proposta semelhantes ao nosso trabalho. Para movimentá-lo, enviamos um email a alguns estudantes de comunicação e para outros contatos explicando nosso trabalho e proposta, e solicitando que nos ajudassem a construir a ciberpoesia. Alguns membros da equipe também postaram no *blog* para ajudar na construção da ciberpoesia.

Passada esta fase da construção do trabalho, percebemos que as pessoas às quais enviamos o email, estavam postando no blog e construindo colaborativamente em rede a ciberpoesia. Entretanto, algumas postagens não estavam sendo acrescentadas a

¹¹ <http://wikesia.blogspot.com/>

¹² Início... "A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu." (Chico Buarque).

ciberpoesia, elas apareciam no *blog*, porém não eram incorporadas ao texto principal (ciberpoesia) pelo autor/dono do *Wikesia*. Nesse momento, passamos a nos questionar acerca da autoria da ciberpoesia: Haveria um autor da ciberpoesia? Quem seria o autor da ciberpoesia? Será que o autor/dono do blog, ou de qualquer outro meio no ciberespaço, onde a ciberpoesia esteja sendo construída é o autor ou o principal autor da mesma? Ou será que todos aqueles que construíram colaborativamente a ciberpoesia também seriam autores dela? Esses foram alguns questionamentos que nos fizemos durante a elaboração do trabalho e que constituíram um ponto de discussão “acalorado” durante nossa apresentação em sala de aula. Durante a produção do trabalho, em nenhum momento a equipe entrou em contato com o autor/dono do *blog Wikesia* para sabermos como ele se sentia ou se via diante a essa situação. O contato foi feito posteriormente, em março de 2010, onde o autor do *blog Wikesia*, Leopoldo Souza, comenta sobre a autoria de uma ciberpoesia.

“Eu me sinto um mero organizador, uma pessoa no “meio-do-caminho” e não no seu fim ou início... Não me vejo como um autor, mesmo porque, para iniciar [a ciberpoesia] eu não poste nada autêntico, usei a letra de uma música de Chico Buarque que achei ser “fácil” de se fazer poesia. Por isso não me considero o autor nem faço parte do grupo de autores” (SOUZA, 2010).

Mas até que ponto o organizador das postagens para construir a ciberpoesia não é ou não pode ser também um autor da mesma, uma vez que este decide quais postagens são mais convenientes e as organiza segundo seus critérios. Quanto às postagens não publicadas, Leopoldo Souza, esclarece seu posicionamento:

“De fato tiveram vários *posts*. Alguns ficam claro que não são contribuições “poéticas” para a construção da [ciber]poesia. Neste ponto fica fácil decidir por não “agregá-lo” ao texto. Mas realmente surge uma questão delicada: como julgar se um determinado comentário deve ou não ser agregado à “obra”? Pelo princípio de um ambiente colaborativo é factível a existência de um “moderador” que fica monitorando a evolução do *site/fórum/wiki*. No meu caso eu pergunto antes se o objetivo daquele comentário é “poético” e deve ser acrescido à poesia ou não. Teve um caso desses. Mas o suposto colaborador não respondeu. Então decidi não agregá-lo, aguardando a posição dele”. (SOUZA, 2010).

Mas então qual seria a saída? Moderar de fato as postagens ou deixar que os próprios autores/colaboradores da ciberpoesia decidam, conjuntamente, as postagens que

formarão a ciberpoesia e a ordem da mesma? Deixar a construção colaborativa totalmente nas mãos dos autores/colaboradores faria o autor/dono do *blog* única e exclusivamente com a função de administrador da ciberpoesia, possuindo somente o papel de ordenar a ciberpoesia?

“Até pensei em fazer uma espécie de "enquete" ou votação para ver se um determinado comentário deveria ou não ser acrescido a "obra". Mas cheguei à conclusão que tornaria a construção lenta, morosa, o que para um ambiente "cibernético" é ultrapassado. Na internet as coisas são muito rápidas, não podem ficar esperando por uma decisão coletiva. Talvez isso esteja indo de encontro com os princípios da democracia. Na minha idéia, um ambiente colaborativo é aberto para qualquer proposta de uma forma mais democrática possível, inclusive (e principalmente) aberto para discussão se uma determinada idéia deve ou não ser postada como colaboração. Foi com essa idéia, de ser um ambiente mais democrático possível, que deixei os comentários sem moderação para que tudo fosse publicado automaticamente, independente da minha vontade. Mas infelizmente o blog começou a ser bombardeado com *spams* e comentários totalmente fora do contexto. Por isso passei a moderar. (SOUZA, 2010).

Talvez a solução esteja no suporte onde a ciberpoesia seja construída. Um *blog*, um *site*, um fórum, um *wiki* requer moderação/administração, mesmo que nos comentários não o seja necessário, porém somente o autor/dono pode fazer postagens ou autorizá-las. Quem sabe a problemática da autoria da ciberpoesia não seja resolvida no momento em que ela passe a ser construída em um suporte realmente democrático, onde não exista a necessidade de moderação/administração e todos os autores/colaboradores tenham a consciência de que estão envolvidos num processo de construção ciberpoética colaborativa.

Alguns dias depois, o autor/dono do *blog Wikesia* já havia selecionado as postagens e organizado a ciberpoesia à sua maneira. Resolvemos então, produzir um híbrido audiovisual que contribuísse para que a ciberpoesia se tornasse mais multimidiática, já que o ciberespaço nos permite isso. O processo de construção do [“Ciberpoesia: um híbrido infinitamente colaborativo”](#)¹³, retrata como uma ciberpoesia que mistura outros formatos pode ser construída. O híbrido não foi produzido em rede, devido ao pouco tempo que a equipe possuía para apresentá-lo como avaliação final do Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias. Porém, a equipe tentou produzir como se construído

¹³ O híbrido pode ser acessado no link: <http://www.youtube.com/watch?v= fiKtUyRm0U>

colaborativamente em rede por meio de imagens foram feitas pelos próprios integrantes da equipe, outras imagens e efeitos foram retiradas do *YouTube*, uma das integrantes da equipe resgatou um vídeo feito em 2009 na cidade de Curitiba para utilizarmos no híbrido, editado por integrantes da própria equipe.

Apesar do híbrido imagético não ter sido produzido e editado em rede, sabe-se da existência de *softwares*¹⁴ totalmente grátis onde é possível a edição de vídeos *online* e de maneira colaborativa, a exemplo de sites como opensourcecinema.org. Dessas ferramentas surge a possibilidade de se construir uma ciberpoesia cujo seu início seja em formato audiovisual, a segunda estrofe ou frase em formato texto, seguida de um trecho de uma música em formato áudio e finalizada por uma imagem, por exemplo.

EXPERIÊNCIA POÉTICA MULTIMÍDIA: PODCAST VERSOS CONTROVERSOS

Entre links intermináveis e dúvidas mil, nós o achamos. Seu nome: Versos Controversos. Criado a mais de 10 anos pelo escritor Alan Salgueira, o blog foi escolhido para criação de um “blogcast”, produto da disciplina “Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias”. A experiência consistia em selecionar um blog e transpô-lo para a linguagem de um podcast. Resultado: três posts selecionados, trilha sonora de fundo e um produto genuinamente multimídia: o Podcast Versos Controversos¹⁵.

Apesar de seus mais de 100 fiéis seguidores, o blog não apresenta fórmulas revolucionárias. Layout simples e temas cotidianos permeiam a produção do escritor. O que lhe diferencia no concorrido mundo blogueiro está na combinação de palavras. Aliterações, assonâncias e paranomásias são algumas das figuras de linguagem que transformam as linhas em verdadeiros concertos sem instrumento sonoro. Para ter uma ideia, ai vai um trecho:

“Ah, se tão fácil fosse como brincar de casinha, fugir do domínio do efeito dominó, do barulho da queda do castelo de baralho, pois em vez

¹⁴ *Eyespot, Jumpcut, StarterStash, Brushvideo*, entre outros.

¹⁵ O Blogcast Versos Controversos pode ser acessado no link <http://soundcloud.com/raphaelfreire/versos-controversos-podcast>



de casario, aqui se está numa casa-rio, onde o lago é quase a laje, em que se é quase um fragata precisando de resgate, uma nau frágil sucumbindo ao naufrágio, em que se avistam meias soquetes em meio à sucata” (SALGUEIRO, 18 ago. 2009).

Com meias soquetes, taras e micoses no congresso, o autor se destacou em meio ao emaranhado fluido de links e hiperlinks. Na atualidade, os blogs se configuram como espaço colaborativo e de expressa autonomia de seu idealizador. Ambientando o cenário de fluidez no qual os homens e suas ações apresentam temporalidade imediata, a atividade blogueira se configura como potencializadora de uma emergente formatação individualizada do ser. Além das ações cotidianas vividas na atualidade, o cenário reconfigurado pelos blogs transformou a informação em um cenário de trocas, no qual, na cena cibernética ninguém apresenta poder detentor da informação.

Da literatura, passando pelo cinema e chegando ao jornalismo, os blogs simplesmente inundaram a rede mundial de computadores, realidade que acabou trazendo uma nova face para os meios de comunicação, um sinal claro de que são e continuarão a ser agentes fundamentais da transformação midiática dos próximos anos. (BORGES, 2007, p.42).

Mais do que diários eletrônicos, os blogs adquiriram vez e voz no cenário jornalístico e até nas apostas publicitárias. Com a nova configuração, há quem almeje levar um pedaço de uma fatia em ascensão no mercado da comunicação. De quem estamos falando? Mais uma vez dos jovens. Segundo Borges (2007), o jovem se preocupa em estar inserido nas chamadas “tribos”. Na atualidade, para se tornar membro deste grupos é preciso estar inserido no ambiente tecnológico.

Independente do motivo no qual optamos pelo blog Versos Controversos, chegamos às próximas etapas. Selecionamos três textos com temáticas diversas: “Na Morada”, texto que fala sobre relações amorosas; “(Des)Construção”, com a temática relativa às mudanças; e, finalmente, “Meu Relógio de Segundos”, texto solto que fala sobre a soberania do tempo. E numa dessas tardes sem chuva, sentamos ao redor de um computador, após gargarejos com água e sal e soltamos a voz.

A proposta era ambientar, sonoramente, a partir dos princípios que norteiam a feitura de um podcast. Inicialmente, vale explorar um pouco sobre essa ferramenta originalmente multimídia criada pelo VJ da MTV, Adam Curry. Adam misturou o Ipod – tocador de

áudio digital projetado e vendido pela empresa Apple – com o chamado *Broadcasting* que consiste numa forma de transmissão de dados iguais para diversos receptores ao mesmo tempo. Resultado: a tecnologia de áudio agora ganhava espaço na web.

O podcasting é especial por permitir editar radioshow ou outros ficheiros e estes serem recebidos automaticamente sem se ter de ir ao site e fazer o download. Qualquer pessoa pode ouvir a emissão de rádio ou o programa áudio preferido, basta inscrever-se nos podcasts à escolha e o iTunes faz o resto. (MOURA; CARVALHO, 2005, p. 1).

Apesar do podcast já mesclado com antigos formatos tecnológicos e de linguagem, foi difícil se pensar numa roupagem que desse originalidade a este produto sem que se perdesse no caminho seus traços originais. Para isso, utilizamos o conceito de transposição intersemiótica para nortear nossas escolhas e combinações estruturais. Segundo Ricardo (2007), tradução intersemiótica é concebida como recriação, já que para o autor “não é possível se compreender a tradução como outra forma de apresentar o texto artístico integralmente em outro suporte ou linguagem. Para exemplificar, Clüver (apud Ricardo, 2007) afirma:

A literatura, entendida como um sistema semiótico, é tão fraca e fortemente determinada como a pintura, e como ela sujeita a flutuações em abordagens interpretativas. O sentido de um poema não é mais claro e auto-evidente do que o do texto pictórico. A decisão do tradutor quanto à preservação das características formais será determinada pela sua interpretação e julgamento, e também pela importância e eficácia dessas características nos hábitos de interpretação do leitor. (CLÜVER, 2006 apud RICARDO, 2007).

A partir destes elementos é possível visualizar o produto criado a partir de dois alicerces: um trazendo sua linguagem e o outro oferecendo um suporte diferenciado. Entretanto, ambos aproximados pelo mesmo cenário do qual se originam: a web. Apesar das especificidades textuais que envolvem a linguagem de web e as possibilidades do podcast, optamos por preservar os textos literários de Alan Siqueira, modificando apenas sua leitura da linguagem escrita para a ouvida. O que predominou no processo de tradução intersemiótica foi a recriação dos ambientes que envolviam os textos.

Para Plaza (apud RICARDO, 2001), a utilização de metáforas, símbolos ou outros signos de caráter convencional correspondem ao que ele chama de tradução simbólica, no qual a tradução se realiza em casos como tradução entre línguas ou explicação de



uma mensagem não-verbal através de palavras. Na experiência entre podcast e o blog Versos Controversos, ambientamos o espaço outrora representado pelo layout da web (disposição do texto, elementos da página, imagens, cores) com músicas selecionadas.

Cada parágrafo de um post apresenta cores diferenciadas. No recurso de áudio, utilizamos a mudança de narradores. No que se refere à imagem de uma praia no cabeçalho do blog, utilizamos a música com sons das ondas do mar a cada mudança de bloco. A antiga imagem se tornou vinheta do material de áudio. Além disso, a cada término de post, gravamos alguns dos comentários originais presentes em cada texto. Título, data e número de comentários fazem parte do produto.

CONSIDERAÇÕES

De acordo com Santaella (1983), "Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam". Entender a disciplina Jornalismo Digital e Novas Mídias como uma caixa simbólica que encerra apenas conteúdos técnicos sobre a virtualidade e a carreira jornalística é matar o que há de mais importante em um estudante de fenomenologia: a capacidade de abrir o espírito para o mundo.

Desde o início da disciplina "Jornalismo Digital e Novas Mídias", quando professora e alunos assumiram o compromisso de romper com o pensamento cartesiano na educação, ficou entendido que as definições acabadas estariam fora da sala de aula. Desejou-se mais que apreender técnicas de webjornalismo ou entender a definição do que era o virtual, na verdade, através da combinação de linguagens, suportes e criatividade se buscou superar as amarras da linguagem e do pensamento formal levando cada membro a reflexões mais filosóficas sobre o cotidiano digital e suas múltiplas interfaces. O blogcast e a ciberpoesia compuseram uma miríade multicolore e somaram-se a podcasts, webdocumentários, hqtrônicas, entre outros produtos que sim, tratavam sobre jornalismo, mas mais do que isso, proporcionaram a verdadeira imersão na virtualidade. Uma nova maneira de experimentar a ciência e assim romper com a superficialidade técnica na qual muitas vezes a discussão sobre tecnologia e comunicação se dá.

Responde-se aqui ao questionamento sobre até onde se pode ir com a combinação de linguagens, suportes e criatividade: não há limites nem ao espírito, nem ao potencial que cada estudante de fenomenologia traz em si. Basta que se rompam as amarras da educação formalizada, cega e encaixotada que algumas vezes empobrecem o percurso acadêmico na comunicação.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da Supermodernidade.** Campinas: Papyrus, 1994.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para Assobio.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

BORGES, André. **Blog: Uma ferramenta para o jornalismo.** In: FERRARI, Pollyana. Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

CARVALHO, Ana Amélia A. **Multimídia: um conceito em evolução.** Revista Portuguesa de Educação, 2002, 15(1), pp. 245-268. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/489/1/AnaAmelia.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

COHEN, Jean. **Estrutura da Linguagem Poética.** São Paulo: Publicações Dom Quixote, 1976

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** Porto Alegre: L&PM, 2002. 1998.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. H. S. **A Questão da Híbridação Cultural em Néstor García Canclini.** Trabalho apresentado ao GT Teoria e Metodologia da Comunicação, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Ano 2009

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e Anseios Críticos.** Curitiba: Pólo Editorial, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de. **Travessia do ser.** Belém: Gráfica Sagrada Família, 1999.

MOURA, Adelina & Carvalho, Ana Amélia - **Podcast: Uma ferramenta para Usar Dentro e Fora da Sala de Aula.** In: Rui José & Carlos Baquero (eds): Proceedings of the Conference on Mobile and Ubiquitous Systems. Universidade do Minho, Guimarães, 155-158, 2006.

Nova Enciclopédia Barsa. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações, 1998.

QUINTANA, Mário. **Preparativos de Viagem.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.



RIBAS, B. Artigo científico: **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**. In: Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet. Salvador-BA/Brasil, 2004.

RICARDO, Pablo Alexandre G. de S. **Utopia Selvagem, de Darcy Ribeiro e a Idade da Terra, de Glauber Rocha: o visível, as vozes e a antropofagia**. Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte/MG, 2007, p. 29.

SALGUEIRO, Alan. **(Des)Construção**, ano 2009. Disponível em: <http://www.versoscontroversos.blogspot.com>. Acessado em: 10 jun. 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARTORI, A.; ROESLER, J. **Narrativas, cidadania e o não-lugar da cultura**. Revista Famecos: Publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Porto Alegre, n° 23, abril. 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3250/2510>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

SOUZA, Leopoldo. Entrevista Wikesia. Entrevista recebida por <leobsn@gmail.com> em 30 mar. 2010.

THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: **A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Sites

<http://opesource.org>

<http://www.tanto.com.br/apollinaire.htm>

<http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/concretismo.htm>

<http://www.wikesia.blogspot.com/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gertrude_Stein

http://www.youtube.com/watch?v=_fiKtUyRm0U